

Brasil não segue locomotiva americana

economia Brasil

Cenário piora e especialistas refazem previsões da expansão brasileira

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. Enquanto os Estados Unidos dão sinais de forte recuperação, no Brasil os economistas já falam em rever para baixo as projeções iniciais para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano. Depois de estimar um crescimento de 2,5%, o Ipea prevê agora uma taxa de 2,2%. O dado vai constar da Nota de Conjuntura que o instituto divulga no início da próxima semana. O economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, confirma que também deve alterar suas previsões. Antes, porém, vai esperar pela divulgação dos dados oficiais do PIB no acumulado do primeiro trimestre.

— Não há dúvida de que o ritmo de crescimento é bem

menor do que o previsto — disse Abate, que previu inicialmente uma expansão de 2,5% da economia neste ano.

Rendimento do brasileiro recuou 6,3% em fevereiro

O nó principal continua sendo a queda real de salários, que impede o crescimento do consumo e desestimula novos investimentos. Além disso, há uma semana foi repleta de notícias ruins, a começar pela constatação do Banco Central (BC) de que a inflação poderá chegar a 5% até dezembro — bem perto do teto da meta, de 5,5%. Isso reduziria o espaço para novas reduções dos juros. No cenário externo, o Brasil terá de diminuir ainda mais as exportações para a Argentina, seu principal parceiro comer-

cial. O volume atual de embarques é de US\$ 130 milhões mensais, contra US\$ 450 milhões em outubro passado.

O IBGE divulgou ontem que o rendimento médio dos brasileiros desabou 6,3% em fevereiro, na comparação com o mesmo mês do ano passado. De acordo com a entidade, o salário médio não passou de R\$ 762,51, o equivalente a 4,2 salários mínimos. Proporcionalmente, perderam mais os trabalhadores por conta própria (-10,7%) e os assalariados com carteira de trabalho assinada (-6,5%).

— Não há qualquer perspectiva de recuperação da renda neste ano. Além disso, os segmentos onde há aumento das vagas pagam menos ou são informais — afirma o di-

retor-técnico do Dieese, Sérgio Mendonça.

Para ele, a tendência é que os salários continuem perdendo a corrida contra a inflação nos próximos anos. Mendonça afirma ainda que os trabalhadores só voltarão a ter força para reivindicar aumentos de salários quando a economia entrar num ciclo de crescimento com pelo menos três anos de duração. A queda dos rendimentos não está associada apenas ao desemprego ou subemprego. Parte da renda do brasileiro está sendo engolida pelo reajuste de tarifas, impostos e dívidas. Dados da Fipe mostram que nos últimos 12 meses encerrados em março o trabalhador paulista teve que pagar 29% a mais pela energia elétrica e 28% pelo gás de cozinha. ■